

COM REALISMO E OBJECTIVIDADE

"CINCO" PROCURAM FORMAS EFICAZES DE COOPERAÇÃO

♦ Chefes de Estado criam grupo de trabalho para balanço e perspectiva de acções

por Mário Ferro, Bernardo Mavanga e Noé Dimande (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)

A 7.ª Cimeira dos Chefes de Estado dos «Cinco» tomou já algumas decisões para elevar a um nível qualitativamente superior as relações de cooperação que são mantidas entre esses países africanos. A reunião teve início ontem de manhã em Maputo, com a participação do Presidente José Eduardo dos

As decisões tomadas correspondem em larga medida aos pontos de vista expostos por três dos Presidentes — Chissano, Vieira e Eduardo dos Santos — ao discursarem na sessão de abertura do fórum máximo dos «Cinco». As intervenções foram marcadas pela necessidade do realismo e da objectividade prática na cooperação neste grupo de países, factos ditados fundamentalmente pela experiência de quase oito anos consecutivos de relações multifacetadas.

As exigências colocadas foram impostas por várias razões e têm como pano de fundo a concepção de que a cooperação deve de facto servir em primeiro lugar os interesses nacionais e consequentemente o progresso, o bem-estar e a felicidade dos povos das cinco nações africanas.

As razões que obrigam a encarar com outras perspectivas o futuro da cooperação, que se pretende salutar e com sucessos, prendem-se mais à actual conjuntura internacional e à situação interna de cada um dos pa-

íses, particularmente Angola e Moçambique, vítimas da guerra de desestabilização e sabotagem por parte da África do Sul.

Um comunicado de Imprensa, distribuído ontem à noite aos órgãos de Informação através da AIM, após a segunda sessão de trabalhos, dá conta que os cinco Presidentes decidiram criar um grupo de trabalho para proceder ao balanço e à perspetivação da cooperação em múltiplos domínios.

Justificando a criação desse grupo de trabalho, o comunicado indica que tal facto é o resultado da apreciação feita pela 7.ª Cimeira em relação ao volume de actividades na cooperação que os «Cinco» já puderam realizar até agora.

Sabe-se que o Ministro dos Negócios Estrangeiros do nosso País, Pascoal Mocumbi, na qualidade de Ministro-Coordenador, foi destacado para proceder à preparação de uma reunião que deverá discutir uma proposta de metodologia de avaliação da cooperação já desenvolvida e de mecanismos de apoio à coordenação.

O comunicado de Imprensa acrescenta que esta proposta deverá ser apresentada à próxima reunião ministerial.

APROVADO RELATÓRIO

Após a sessão de abertura, que terminou cerca do meio-dia, os Chefes de Estado retiraram-se para o almoço, regressando cerca das 15 horas ao Palácio do 4.º Congresso. Durante cerca de três quartos de hora estiveram reunidos em privado, após o que foram convocados para o local os respectivos Ministros dos Negócios Estrangeiros.

Cerca das 17 horas, os cinco Presidentes dirigiram-se à sala de reuniões, onde se encontravam as delegações de cada um dos países, retomando assim os trabalhos, sempre à porta fechada.

Esta sessão só viria a terminar cerca das 18.45 horas, após o que o porta-voz oficial da cimeira, o Ministro

Pascoal Mocumbi, distribuiu um comunicado à Imprensa sobre os resultados da sessão havida no período da tarde.

Nessa sessão, o Ministro-Coordenador cessante, Afonso Van-Dunen, que é o Chefe da Diplomacia angolana, fez a apresentação do relatório da 8.ª Reunião Ministerial, que foi aprovado pelos Chefes de Estado.

O comunicado de Imprensa afirma que o relatório destaca as principais acções desenvolvidas nos domínios dos transportes, comércio, finanças, banca e seguros, direito, justiça e administração, investigação, formação de quadros e acção cultural.

Por outro lado, o documento apresentado pelo Ministro Afonso Van-Dunen faz uma inventariação das actividades levadas a cabo no quadro dos «Cinco» desde a última cimeira, realizada no ano passado em Luanda, capital angolana.

PROGRAMA DE ONTEM

Pelas nove horas, os cinco Chefes de Estado dirigiram-se à Praça dos Heróis. Ali, com todas as normas protocolares, incluindo guarda de honra militar, que interpretou marchas alusivas ao acto e o Hino Nacional, os estadistas renderam homenagem aos Heróis Moçambicanos, nomeadamente ao Presidente Samora Machel.

Eram 10.45 horas, quando o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, que vinha liderando o grupo desde o ano passado, anunciou a abertura solene dos trabalhos da 7.ª Cimeira.

Recordando que se tratava da primeira reunião do género a que não assistia Samora Machel, morto em 19 de Outubro último, o líder angolano pediu a todos os presentes na sala que rendesse homenagem ao falecido dirigente, aguardando um minuto de silêncio.

A sala do Palácio do 4.º Congresso estava repleta. Para além dos membros que compõem as delegações presidenciais dos cinco países, havia numerosos convidados, particularmente dirigentes do Partido Frelimo e do Estado moçambicano, assim como representantes de organizações democráticas de massas e sócio-profissionais. No balcão, encontravam-se membros do Corpo Diplomático, convidados para a sessão de abertura.

Esta teve início com um discurso de boas-vindas proferido pelo Presidente Joaquim Chissano, que pode ser

entendido como uma proposta de linhas de orientações que presidirá a actuação da República Popular de Moçambique nos próximos 12 meses, enquanto que pais-coordenador do grupo.

Tratou-se de um discurso curto, mas incisivo que foi pronunciado depois de Chissano ter entoado a tradicional canção de luta «Khanimambo Frelimo», adaptada na letra em referência aos países membros do grupo e aos respectivos Chefes de Estado.

Depois, o Presidente José Eduardo dos Santos convidou o líder guineense, João Bernardo Vieira, a pronunciar o discurso de agradecimento à forma como o país anfitrião está a receber as delegações visitantes.

Tratou-se de um discurso que saudou a hospitalidade, a amizade, o carinho e o amor com que o Povo moçambicano acolheu, na sua capital, os quatro estadistas, bem como as respectivas delegações.

Eram 11.28 horas, quando o líder angolano, José Eduardo dos Santos, na qualidade de Presidente em exercício cessante do grupo, usou da palavra. Para as pessoas presentes na sala do Palácio do 4.º Congresso, o discurso do Presidente José Eduardo dos Santos foi um relatório-balanço dos últimos 12 meses de actividade nas relações entre os «Cinco».

Incluindo as falhas e erros cometidos nesse período, as dificuldades e insuficiências surgidas, as consequências prejudiciais da actual conjuntura interna e externa, José Eduardo dos Santos sugeriu caminhos que deveriam ser seguidos pelo grupo a fim de tornar mais efectiva e útil a cooperação interestatal.

Por fim, a palavra foi dada ao Presidente cabo-verdiano, Aristides Pereira, que apresentou a proposta de constituição da presidência, a qual foi aprovada por aclamação. A partir daí, o Chefe do Estado moçambicano tomou a presidência do grupo, passando a dirigir os trabalhos.